



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA

ANGELA OLIVEIRA DA SILVA

**OS IMPACTOS DO ABUSO SEXUAL NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE
MASCULINA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA**

**ARIQUEMES - RO
2025**

ANGELA OLIVEIRA DA SILVA

**OS IMPACTOS DO ABUSO SEXUAL NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE
MASCULINA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA**

Artigo científico apresentado ao Centro Universitário
FAEMA (UNIFAEMA), como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia

Orientador(a): Prof. Me. Katiuscia Carvalho de
Santana

**ARIQUEMES - RO
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Centro Universitário Faema - UNIFAEMA
Gerada mediante informações fornecidas pelo(a) Autor(a)

S586i

SILVA, Angela Oliveira da

Os impactos do abuso sexual na constituição da sexualidade masculina:
uma revisão integrativa sob a ótica psicanalítica/ Angela Oliveira da Silva.
Ariquemes: UNIFAEMA, 2025.

AAA 26 f. il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) -
Centro Universitário Faema - UNIFAEMA.

AAA Orientador (a): Profª. Ma. Katiuscia Carvalho de Santana

1.Violência. 2.Desenvolvimento psicosexual. 3.Opressão. 4.Silêncio
5.Intervenção. I. Santana, Katiuscia Carvalho de. II. Título.

CDD:150

ANGELA OLIVEIRA DA SILVA

**OS IMPACTOS DO ABUSO SEXUAL NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE
MASCULINA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA**

Artigo científico apresentado ao Centro Universitário
FAEMA (UNIFAEMA), como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia

Orientador(a): Prof. Me. Kátiuscia Carvalho de
Santana

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Kátiuscia Carvalho de Santana (orientadora)
Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA

Prof. Dr. Luciane De Andrade Melo (examinador)
Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA

Prof. Dr. Yesica Nunez Pumariega (examinador)
Centro Universitário FAEMA - UNIFAEMA

**ARIQUEMES - RO
2025**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que tiveram sua história atravessada pelo abuso sexual e que, mesmo em silêncio, continuam lutando para existir.

A cada sujeito que ainda busca um caminho possível de cura, deixo o meu profundo respeito e a esperança de que encontrem, um espaço de acolhimento, escuta e reconstrução.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força, pela sabedoria e por me sustentar em todos os momentos em que pensei em desistir.

À minha família, pelo apoio durante esta caminhada.

Aos meus filhos, que mesmo sem saber, são a razão pela qual eu continuo tentando todos os dias. São eles que me mantêm firme e confiante diante dos desafios e me lembram do valor de cada conquista.

À minha orientadora e supervisora de estágio, professora Katiuscia, que foi fundamental em todo este processo. Sua dedicação, paciência e compromisso com o meu crescimento acadêmico e pessoal fizeram toda a diferença. Tenho por ela uma enorme admiração e gratidão.

À minha amiga Juliana, que me ouviu incontáveis vezes falar sobre o TCC, me acolheu nas minhas incertezas e me trouxe tranquilidade nos momentos em que eu mais precisei.

Ao meu namorado Cleiton, por todo carinho, incentivo e por fazer tudo o que estava ao seu alcance para tornar essa fase mais leve e possível.

À minha bolha, meu grupo de amigos da faculdade, por cada risada, cada incentivo e por vibrarem sinceramente com as minhas conquistas.

Às minhas colegas de turma, que, mesmo com pouco tempo de convivência neste último semestre, se tornaram pessoas muito especiais e parte dessa trajetória.

E a cada professor que contribuiu para que este sonho se tornasse realidade, em especial à professora Yesica, minha coordenadora, à professora Luciane e ao professor Pedro, que me inspiraram com seus ensinamentos e dedicação.

A todos vocês, o meu mais sincero muito obrigada. Cada palavra, gesto e incentivo fizeram diferença neste caminho.

*"Não podemos nos curar daquilo
que não aceitamos como parte de
nós mesmos."*

Sigmund Freud

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1. CONCEITUAÇÃO E EPIDEMIOLOGIA DO ABUSO SEXUAL	12
2.2. DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL NA PSICANÁLISE FREUDIANA.....	13
2.3. TRAUMA E INCONSCIENTE: CONTRIBUIÇÕES DE LACAN	14
2.4. CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE MASCULINA SEGUNDO BLEICHMAR	15
2.5. IMPACTOS CLÍNICOS DO ABUSO NA SEXUALIDADE MASCULINA	15
2.6. FANTASMAS, DEFESAS E REPETIÇÕES	16
2.7. NARCISISMO, IDENTIDADE DE GÊNERO E MASCULINIDADES	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DE PLÁGIO	28

OS IMPACTOS DO ABUSO SEXUAL NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE MASCULINA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

THE IMPACTS OF SEXUAL ABUSE ON THE CONSTITUTION OF MASCULINE SEXUALITY: AN INTEGRATIVE REVIEW FROM A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Angela Oliveira Da Silva¹
Kátiuscia Carvalho de Santana²

RESUMO

O abuso sexual é uma forma de violência que pode gerar inúmeras repercussões negativas na vida adulta. O presente artigo realiza uma revisão integrativa com o objetivo de analisar os impactos do abuso sexual na constituição da sexualidade masculina, identificando e sintetizando evidências teóricas e clínicas sobre os mecanismos psíquicos envolvidos e suas repercussões no desenvolvimento psicosssexual do homem. Pretende-se discutir a formação sociocultural e histórica do conceito de masculinidade e suas implicações psíquicas, compreender o abuso sexual como forma de assujeitamento e opressão da vítima, examinar as dificuldades enfrentadas pelos homens em acessar espaços de escuta e acolhimento psicológico diante da cultura do silêncio e da virilidade, e propor estratégias de intervenção clínica à luz da psicanálise. Além disso, busca-se evidenciar a importância de políticas públicas e práticas clínicas que promovam a escuta ativa e a reconstrução psíquica dos sobreviventes. A metodologia consistiu em agrupar pesquisas de diferentes escopos sobre a mesma temática, integrando estudos que abordam as repercussões do abuso sexual na infância sobre a vida adulta, com base em artigos obtidos nas bases SciELO e PubMed, utilizando-se as palavras-chave “childhood”, “sexual abuse”, “mental health”, “alcohol use” e “HIV risk”, considerando apenas publicações em inglês, entre 2010 e 2025, revisadas por pares. Os resultados evidenciam respaldo científico que correlaciona o abuso sexual infantil com aumento da hostilidade, maior propensão a comportamentos de risco, como uso abusivo de álcool, drogas ilícitas e sexo desprotegido, bem como risco aumentado de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. Conclui-se que o abuso sexual pode deixar marcas profundas, manifestando-se em alterações da identidade sexual, disfunções sexuais e transtornos psíquicos.

Palavras-chave: violência; desenvolvimento psicosssexual; opressão; silêncio; intervenção.

ABSTRACT

Sexual abuse is a form of violence that can generate numerous negative repercussions in adulthood. . The present article conducts an integrative review with the aim of analyzing the

¹ Graduanda em Psicologia, do Centro Universitário UNIFAEMA;

E-mail: angela.47143@unifaema.edu.br

² Mestre em Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais pela Faculdade EST, Psicóloga pela Pontifícia

Universidade Católica de Goiás, docente do Centro Universitário FAEMA - UNIFAEMA.

E-mail: katuscia.carvalho@unifaema.edu.br

impacts of sexual abuse on the constitution of male sexuality, identifying and synthesizing theoretical and clinical evidence regarding the psychic mechanisms involved and their repercussions on the psychosocial development of men. It seeks to discuss the sociocultural and historical formation of the concept of masculinity and its psychic implications, understand sexual abuse as a form of subjugation and oppression of the victim, examine the difficulties men face in accessing spaces for listening and psychological support in the context of the culture of silence and virility, and propose postvention strategies and clinical interventions from a psychoanalytic perspective. Furthermore, it aims to highlight the importance of public policies and clinical practices that promote active listening and the psychic reconstruction of survivors. The methodology consisted of compiling studies from different scopes on the same topic, integrating research that investigates the repercussions of childhood sexual abuse on adulthood, based on articles obtained from the SciELO and PubMed databases, using the keywords “childhood,” “sexual abuse,” “mental health,” “alcohol use,” and “HIV risk,” considering only peer-reviewed publications in English from 2010 to 2025. The results provide scientific evidence correlating childhood sexual abuse with increased hostility, greater propensity for risk behaviors, such as alcohol and illicit drug abuse, unprotected sexual practices, as well as an elevated risk of developing psychiatric disorders. It is concluded that sexual abuse can leave deep and lasting marks, manifesting in alterations of sexual identity, sexual dysfunctions, and psychic disorders.

Keywords: violence; psychosexual development; oppression; silence; intervention.

1. INTRODUÇÃO

É um fato amplamente conhecido que o abuso sexual é uma problemática que permeia a sociedade desde as épocas mais longínquas. É pertinente definir inicialmente que o próprio conceito de infância só veio a ganhar a definição atual após o século XVIII conforme o historiador Philippe Ariès que argumenta que foi somente no final da Era Moderna (1453-1789) que a sociedade passou a considerar a natureza inocente e demais peculiaridades próprias do período infantil como um período preparatório para a vida adulta. Demandando assim cuidados personalizados - de forma a proteger os infantes - como o advento dos sistemas escolares iniciais e a personalização dos cuidados médicos (Costa, 2020).

No contexto da América Colonial, no período anterior ao século XVIII, o óbice do casamento infantil era corriqueiro, normalizado em razão do interesse da sociedade em cultivar alianças familiares, e serve como exemplo do cotidiano da noção social comum da inexistência da separação entre infância e vida adulta (Malcher, 2020).

A questão da subnotificação também é um fator agravante. Cerca de 80% dos abusos são intrafamiliares, sendo assim essa violência considerada como um crime velado e a sua prevalência verdadeira também é desconhecida. Há uma série de conjunturas que colaboram – de maneira sinérgica - para que essa realidade continue a existir: o medo de possíveis

represálias, a instrução inadequada das crianças em relação à educação sexual, coação do agressor, o receio de ser desacreditado por parte do menor e até mesmo o despreparo profissional no sentido de ter a perícia em reconhecer vestígios psicológicos ou comportamentais do abuso (Sousa, 2022).

Convém salientar que tal processo não é gerado somente de deficiências institucionais, mas também, de fenômenos culturais que contribuem de forma significativa para silenciar as vítimas. O machismo estrutural, em destaque, é um fato sociológico que favorece de forma significativa tal problemática. Quando se discute a respeito de vítimas do sexo masculino, tal fato se torna ainda mais perceptível (Felipe; Panes, 2021).

Sob a perspectiva da Psicanálise, é necessário postular preliminarmente alguns conceitos que nortearão a discussão proposta no presente artigo. A Teoria da Sedução, foi elaborada por Sigmund Freud entre 1895 e 1897 e sustentava que a gênese de distúrbios psíquicos, como a histeria, era fruto de traumas reais de sedução sexual no período da infância, ocorridos em razão da influência de crianças mais velhas ou adultos. (Almeida, 2000). Durante esse período, Freud esteve determinado a investigar a existência da suposta influência da sedução no desenvolvimento das neuroses.

Em um recorte mais restrito à temática escolhida para o presente artigo, é conveniente adicionar que atualmente um considerável número de teóricos já decorreram sob rigor científico acerca dos desdobramentos mais comuns do abuso sexual em meninos. Os principais efeitos clínicos comprovados foram: interrupção do curso normal do desenvolvimento erótico; fixação e regressão libidinais; dissociação entre desejo e símbolo; sintomas somáticos; disfunções sexuais; compulsões e imagens persecutórias; impotência sexual; ejaculação precoce; dores genitais sem causa orgânica conhecida; dificuldade de construir vínculos afetivos e/ ou eróticos; períodos de alternância em aversão ao contato íntimo e a busca compulsiva por sensações de poder (Godoi; Pereira, 2010).

Nesse sentido, a Psicologia funciona como um instrumento importantíssimo no sentido de intervir e minimizar os prejuízos, tanto na questão da saúde mental quanto no contexto no contexto social, bem como identificar o silêncio que está presente em grande parte das situações de abuso sexual e atuar como entidade responsável por prover os cuidados adequados para minimizar as repercussões psicológicas negativos na infância e também na vida adulta (Hershkowitz *et al.*, 2007).

A presente pesquisa se justifica pela elaboração de uma revisão integrativa, com o propósito de compilar o conhecimento existente sobre o assunto. Desta forma, pretende-se oferecer um referencial teórico-prático que possa servir de guia para psicólogos e o público em

geral, abordando as particularidades dos impactos do abuso sexual na constituição da sexualidade masculina. Ademais, este material poderá ser proveitoso na formulação de políticas públicas de conscientização, bem como fomentar a elaboração de propostas de intervenção.

Os objetivos específicos, por sua vez, são: discutir a formação sócio-histórica do conceito de masculinidade e suas implicações psíquicas; compreender o abuso sexual como forma de assujeitamento e opressão da vítima e examinar as dificuldades dos homens em acessar espaços de escuta e acolhimento psicológico diante da cultura do silêncio e da virilidade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. CONCEITUAÇÃO E EPIDEMIOLOGIA DO ABUSO SEXUAL

O abuso sexual infantil é definido como qualquer forma de ato sexual, com ou sem contato físico, envolvendo criança menor de 18 anos, para satisfação sexual de outra pessoa, independentemente do consentimento, compreensão ou vontade da vítima (Kringdes; Macedo; Habigzang, 2016). Para Sousa (2022), o abuso sexual acontece quando uma criança é coagida a participar de qualquer atividade de natureza libidinosa como as seguintes situações: toque ou carícias forçadas em regiões genitais ou outras áreas erógenas do corpo da criança; masturbação imposta à criança ou envolver a criança como objeto de satisfação sexual; tentativas ou vias de fato de penetração vaginal, anal ou oral; conversas eróticas ou com teor sexual com o propósito de despertar excitação no menor; exposição da criança a material pornográfico; exibicionismo (exibir os próprio órgãos genitais ou praticar masturbação na presença do abusado; voyeurismo (observar fixamente a criança em situações íntimas como banho); assédio sexual; chantagem; manipulação para forçar o menor a participar de atividades de natureza sexual.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - criado em 1990 - foram responsáveis por implementar o Conselho Tutelar como órgão principal para a defesa e fiscalização dos direitos das crianças e adolescentes. Nesse sentido, tal órgão tem como cerne primordial exercer um papel de natureza tanto protético como educativo, de maneira a intervir em situações de omissão dos responsáveis (Pase, 2020). Entretanto, é indubitável que a ação do órgão não é totalmente eficaz e os indicadores demonstram que entre os anos de 2011 e 2021, foram notificados 107 250 casos de violência sexual infantil no Brasil ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), sendo o estupro responsável por 69,8 % desses casos. (Barbosa, 2024). No contexto nacional, podemos citar a pesquisa

documental de Pecini (2022) como respaldo para sustentar a hipótese de que a subnotificação dos casos de abuso sexual infantil também é um problema presente no Brasil. Em seu estudo, ele concluiu que 20% a 30% dos casos chegam a ser notificados oficialmente. Em torno de 70% a 80% dos episódios permanecem invisíveis nos sistemas de vigilância e segurança pública. No momento atual, a proteção à infância é respaldada por órgãos governamentais ao redor de todo o mundo.

2.2. DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Conforme Azevedo e Amaral (2021), Freud desenvolveu no início da sua carreira a teoria da sedução, na qual associava as neuroses a experiências traumáticas reais de assédio ou abuso sexual durante a infância. Logo após, no entanto, ele deixou de lado essa interpretação literal ao perceber que diversas narrativas de pacientes se assemelhavam mais a criações mentais do que a experiências reais, redirecionando a atenção para a fantasia inconsciente como origem das formações sintomáticas. Em complementaridade, Sales (2002) argumenta que a fantasia, na sistematização freudiana, aparece como um dispositivo psíquico que permite ao sujeito sustentar sensações de liberdade e satisfação frente às restrições impostas pela realidade externa.

Sob a ótica de Laplanche (1997), com base em Freud, a fantasia situa-se no ponto de tensão entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, sendo elaborada para manter viva a busca de gratificação interna sem depender de intercorrências objetivas de sedução. Em última análise, Azevedo e Amaral (2021) destacam que, embora Freud tenha abandonado inicialmente a tese da sedução como causa direta de distúrbios, ele voltou a refletir sobre o tema em correspondências com Wilhelm Fliess e em conferências posteriores. Nesse retorno, reconheceu-se que, em alguns casos, experiências traumáticas reais podem coexistir com as fantasias, mas reafirmou-se que é a construção fantasmática — e não o fato em si — que estrutura o inconsciente e funda o complexo de Édipo, consolidando a primazia da fantasia na teoria psicanalítica.

De acordo com Freud (1905), a sexualidade infantil apresenta-se como um processo complexo e de natureza autoerótica, estando inicialmente centrada no próprio sujeito. Ao longo do desenvolvimento, a criança atravessa diferentes fases caracterizadas pela busca de prazer em distintas zonas erógenas — oral, anal e fálica — até alcançar uma organização genital definitiva, típica da sexualidade adulta.

2.3. TRAUMA E INCONSCIENTE: CONTRIBUIÇÕES DE LACAN

De acordo com Lacan (1985), a psicogênese não é um enigma guardado na mente da criança. É um florescimento que se origina na interação com outro ser humano. É nesse espaço relacional que se inscrevem as primeiras trocas afetivas e sensoriais. Parece que tal fato prepara o cenário para o surgimento do aparelho psíquico. Um organismo vivo de pulsões e significantes. Desde os primórdios, antes mesmo da palavra se estabelecer, o bebê já capta gestos, sons e ritmos maternos que funcionam como as primeiras “inscrições” de um Outro sexualizado, capaz de acolher e nomear as suas experiências internas. É através desse processo que a psique estabelece seu primeiro vínculo: as vivências corporais ganham uma expressão simbólica e se distanciam do simples fluxo pulsional.

Na visão de Lacan (1977), reside a ideia de um "buraco no Outro", remete à falta estrutural que atravessa o campo simbólico, revelando a impossibilidade de uma completude no Outro. Essa falta fundamental desestabiliza a crença em uma ordem simbólica totalizante, evidenciando que o sujeito se constitui justamente a partir dessa ausência constitutiva. Em suma, nenhum conjunto de significantes pode ser tido como uma verdade incontestável no discurso. Essa imperfeição estrutural no domínio do Outro evidencia que qualquer esforço para fechar simbolicamente algo inevitavelmente exibirá alguma fragilidade. A instabilidade na sequência de significantes nasce dessa lacuna: sem um referencial definitivo, o encadeamento de significantes acaba interrompendo-se e torna-se vulnerável a rupturas. Cada traço representa apenas um fragmento da realidade, deixando zonas em que o sentido não se consolida por inteiro. Diante esse cenário, o sujeito sente-se pressionado a procurar novos significantes, na tentativa de suprir o vazio provocado pelo Outro, sem conseguir firmar uma estabilidade duradoura. A falha na cadeia de significantes atua como um propulsor do desejo — um impulso constante de nomeação que nunca se concretiza plenamente — e estabelece a falta como a condição fundamental de qualquer sujeito que se expressa através da linguagem.

Dentro dessa perspectiva há ainda uma contribuição de Queiroz (2012) que expõe que Lacan conceitua o gozo (*jouissance*) referindo-se a uma satisfação que vai além do princípio do prazer, englobando uma vivência que, frequentemente, gera dor e descontentamento. Na ótica lacaniana, o gozo se conecta à dimensão metapsicológica que Freud indicou como pulsão de morte, superando assim os limites estabelecidos pelo princípio de prazer-desprazer. Nesse sentido, a repetição compulsiva do sintoma é capaz de demonstrar a resistência indivíduo em abdicar do prazer. O sintoma funciona como uma metonímia desse gozo persistente em razão da sua repetição provocar uma forma de satisfação pulsional. Dessa forma, o ciclo vicioso da

repetição mostra a impossibilidade de eliminar totalmente o gozo através da linguagem, sustentando a busca incessante por significantes que jamais conseguem preencher o vazio estrutural que marca o sujeito.

2.4. CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE MASCULINA SEGUNDO BLEICHMAR

Em seu estudo, Oliveira e França (2019) se apoiam na metapsicologia de Silvia Bleichmar para argumentar que a constituição psíquica do bebê é iniciada antes mesmo do surgimento da linguagem. Esse processo se dá pela inscrição de signos indiciários — vestígios de excitação capturados nas ausências, gestos e entonações vocais.

Neste cenário de estruturação, a figura paterna não é reduzida à materialidade anatômica do pênis; ao contrário, ela adquire um valor simbólico crucial como Falo. Na leitura lacaniana, é este significante que organiza o campo do desejo e permite ao sujeito posicionar-se frente à diferença sexual.

Dessa forma, a organização fálica deixa de significar uma mera identificação; ela implica uma profunda reconfiguração do corpo e das fantasias pulsionais, sendo essencial para a estruturação do Ego e o delineamento da sexuação do sujeito. Bleichmar, ao reconhecer que o sujeito é forjado pelo olhar e pela linguagem do Outro (em diálogo com Lacan), insiste na precedência e na importância das experiências corporais e afetivas pré-verbais — os signos indiciários — como a base fundamental para a emergência da sexualidade e para o desenvolvimento psíquico.

2.5. IMPACTOS CLÍNICOS DO ABUSO NA SEXUALIDADE MASCULINA

Florentino (2015) argumenta que os sintomas eróticos e as disfunções sexuais em vítimas de abuso sexual do sexo masculino nada mais são do que manifestações mais duradouras do trauma, diminuindo de forma considerável a qualidade das relações íntimas. Dentre as disfunções sexuais mais prevalentes, o autor destaca a disfunção erétil - que é decorrente das vítimas do sexo masculino que associam a ereção à percepção de ameaça -, a ejaculação precoce - como uma reação defensiva a traumas e também à expectativa de dor - e a existência que é entendida como uma aversão ao toque genital e à obstrução de sensações prazerosas.

Zappe, Cássia e Dell’Aglio (2018) expõem que o abuso sexual causa um desequilíbrio emocional que, comumente, se manifesta em comportamentos de risco, como conduta antissocial e relações sexuais desprotegidas. Guerreiro e Sampaio (2013), por sua vez, complementam que a dor psicológica intensa pode se transformar em comportamentos autodestrutivos. Os autores explicam que tais atitudes funcionam como uma forma de externalizar a dor sentida e também de proporcionar um alívio temporário do estresse interior acumulado.

2.6. FANTASMAS, DEFESAS E REPETIÇÕES

Oliveira, Câmara e Canavêz (2021) destacam que as vítimas de abuso sexual frequentemente recorrem à negação do ocorrido como forma de preservar uma sensação de normalidade e minimizar o impacto emocional do trauma. Esse mecanismo de defesa permite um afastamento momentâneo da dor, funcionando como uma proteção inicial contra o sofrimento psíquico. A negação, portanto, atua como uma primeira linha de defesa, bloqueando o choque imediato do trauma, ainda que adie o enfrentamento das emoções necessárias ao processo de superação.

De acordo com Alves *et al.* (2022), as chamadas estruturas fantasmas correspondem a cenários imaginários nos quais a psique das vítimas — especialmente meninos que sofreram abuso sexual — reinscreve e reelabora a experiência traumática. Esses fantasmas psíquicos surgem como um recurso inconsciente de autoproteção, oferecendo uma sensação temporária de controle e coesão interna. Assim, o abuso é reinterpretado pela mente em desenvolvimento de maneira menos ameaçadora, permitindo que o sujeito suporte o peso da lembrança. Os autores ainda apontam que há uma relação entre o trauma do abuso sexual e a tendência à repetição simbólica do episódio. Essa repetição representa uma tentativa inconsciente de reduzir a angústia e restaurar o sentimento de controle perdido. Nesse processo, o desejo pode se misturar à culpa, revelando a complexa dinâmica emocional que se estabelece após o trauma.

2.7. NARCISISMO, IDENTIDADE DE GÊNERO E MASCULINIDADES

Barbosa, Campos e Neme (2021) mostram como o abuso sexual pode fragmentar, desde cedo, a energia emocional de um menino, obrigando-o a buscar diferentes formas de narcisismo para manter um sentimento mínimo de coesão interna. No narcisismo primário, ele vive um momento em que não distingue completamente o próprio corpo do mundo exterior: tudo parece

extensão de si mesmo, inclusive a figura materna. Esse período funciona como um refúgio de onipotência e segurança. Quando o trauma irrompe nesse universo, o menino empenha-se em uma tentativa de reencontrar a fusão inicial, na esperança de silenciar a angústia trazida pelo abuso. Os autores discorrem também sobre a relação entre a experiência traumática do abuso sexual e as compulsões de reprodução. Tal processo, consiste na revisitação simbólica por parte da vítima do episódio. Uma tentativa de diminuir a própria angústia e restaurar o senso de controle dela. Nesse ínterim, o desejo funciona como um impulso interno para reviver momentos emocionantes ou próximos. Os autores destacam que, na clínica, é fundamental perceber como o menino oscila entre dois movimentos opostos: buscar refúgio numa fusão onipotente e, em outro momento, se fechar em fantasias de autossuficiência. O trabalho psicanalítico precisa oferecer, dentro do setting terapêutico, experiências graduais de alteridade segura. Assim, o garoto vai aprendendo, pouco a pouco, a distinguir o que é dele e o que vem do outro, redescobrimo a confiança. Nesse ambiente acolhedor, ele pode redirecionar sua energia emocional para vínculos protetores, em vez de ficar preso à ilusão de poder absoluto ou ao medo de depender de alguém.

Em muitas comunidades, espera-se dos meninos uma invulnerabilidade quase sobrenatural: não chorar, não demonstrar medo, se defender sozinho a qualquer custo. Quando o abuso sexual acontece, esse ideal rígido é despedaçado, deixando o garoto preso num silêncio duplo — o da violência sofrida e o da vergonha que o impede de falar. Rosa (2021) mostra como esse medo de parecer “fraco” ou de não corresponder ao arquétipo de força acaba abafando o relato do abuso. Ao recusar a ideia de vulnerabilidade, familiares e profissionais também se afastam, tornando ainda mais rarefeitas as redes de apoio de que ele tanto precisaria. Os rótulos de “gay” e “menos homem” podem funcionar como mais um medo presente no imaginário da vítima conforme Rosa (2021) que reitera que tal temor de ter a própria sexualidade questionada reforça o silêncio, mantendo o menino numa culpa irreversível e numa vergonha que o desencoraja em pedir ajuda. O sentimento de vergonha atua como contraponto psíquico à vergonha social: o garoto internaliza a ideia de ter “falhado” em se proteger, sentindo-se responsável pelo abuso.

Rosa (2021) apresentou um estudo em que vários meninos revelaram que realmente há o sentimento de temor que ao ato da denúncia enfraquecesse sua masculinidade. Dessa maneira, eles relatam que tentaram minimizar ou até mesmo negar completamente as suas experiências sexuais traumática. A autora reforça que é necessário desconstruir o mito do “garoto invulnerável” e apresentar narrativas alternativas que valorizem o afeto, o cuidado e a

sensibilidade como partes legítimas do desenvolvimento masculino e criar espaços onde a vergonha possa ser verbalizada sem julgamento é fundamental.

O machismo é apontado como um determinante social que dificulta ainda mais a notificação do abuso em decorrência do medo que os meninos sentem de serem desacreditados ou até ridicularizados no momento da denúncia. Há o temor de carregar o estigma de “abusado”, “homossexual”, “fraco”, “vítima” tipicamente atrelados à lógica do status quo sexista da sociedade brasileira (Oliveira, Câmara e Canavêz, 2021). Tais estudos corroboram com a percepção que o machismo perpetua estereótipos de masculinidade, atua como um fator social extremamente relevante para conter a expressão de vulnerabilidade que é necessária no momento da denúncia e também é responsável por criar barreiras institucionais e sociais para o reconhecimento e acolhimento dessas vítimas.

Gauto e Martins (2025) destacam um aspecto crucial na experiência de meninos sobreviventes de abuso sexual na infância: a vivência intensa de uma fragmentação interna. O trauma instaura uma profunda sensação de despersonalização e estranhamento, onde o corpo e a mente são percebidos como alheios. Essa desorganização identitária leva à desorientação espacial e existencial do indivíduo, que se sente desconstruído de sua própria corporalidade e incerto sobre seu lugar no mundo.

Adicionalmente, papéis e expectativas de gênero previamente estabelecidos tornam-se confusos ou inatingíveis. O medo do preconceito e a vergonha inerente à violência abalam a autoestima, resultando no isolamento e no afastamento de possíveis redes de apoio.

Quando a família, influenciada por estigmas machistas ou pela negação da realidade do abuso, se omite do sofrimento, o vazio interior da vítima se intensifica. A combinação de uma identidade fragmentada e a falta de validação externa agrava significativamente o sofrimento psíquico do indivíduo. Para Conceição *et al.* (2020), é preciso associar diferentes formas de apoio à vítima masculina de abuso sexual: jurídico, psicossocial e terapêutico. Quando o paciente é ouvido no processo de revelar, notificar e denunciar o que viveu, ganha um ambiente de proteção. Um ambiente que reconhece sua dor e legitima sua voz. No consultório, o acolhimento vai além de ouvir. Envolve psicoeducação e psicoterapias focadas em trauma. Psicoterapias que ajudam o garoto a dar novo significado ao abuso. Talvez seja ali que ele volta a se ver como protagonista. Capaz de escolher o rumo da sua vida, em vez de apenas reagir ao que lhe foi imposto. Reconstruir o self pede lugares seguros. Lugares para emoções difíceis, para nomeá-las sem culpa. É nesse território, território protegido, que as lembranças fragmentadas podem se encaixar de novo. E limites corporais e afetivos são redesenhados com respeito pelo ritmo de cada um.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo se trata de uma revisão integrativa e tem como propósito investigar o objeto de estudo que se tratam dos impactos do abuso sexual na constituição da sexualidade masculina a partir de um levantamento bibliográfico de maneira a agregar e sintetizar evidências já publicadas à luz da psicanálise.

Para Souza, Da Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa permite a reflexão sobre como as diferentes abordagens existentes podem ser aplicadas nos estudos analisados. É de caráter qualitativo, exploratório e descritivo. A presente pesquisa foi realizada a partir de artigos retirados da base de dados Scielo e Pubmed e as palavras-chave utilizadas na pesquisa foram “childhood”, “sexual abuse”, “mental health”, “alcohol use” e “HIV risk”.

Foram incluídos artigos em inglês publicados entre os anos de 2010 e 2025, revisados por pares. Foram excluídos artigos em português e espanhol em razão dos artigos encontrados escritos nesses idiomas durante a pesquisa não abordarem diretamente acerca da problemática proposta, tangenciando assim o escopo da discussão desejada. Foram ainda excluídos da seleção da pesquisa as publicações duplicadas, sem rigor científico e artigos que tangenciam ou não abordam o enfoque proposto.

Primeiramente, foi feita uma seleção inicial com base na leitura dos títulos e resumos dos artigos encontrados na base de dados. Em seguida, realizou-se uma leitura direcionada para verificar se o artigo fornece informações compatíveis com os objetivos do estudo. Cada artigo selecionado foi cuidadosamente analisado para assegurar que abordasse pelo menos um impacto do abuso sexual infantil em homens, repercutindo em componentes de sua masculinidade. Utilizou-se a análise de conteúdo temática, organizada em três etapas principais: pré-análise, em que o pesquisador lê o conteúdo de forma fluida, formula hipóteses e elabora um plano de análise; exploração do material, em que se atribuem códigos descritivos, agrupam-se códigos semelhantes em categorias provisórias e refinam-se essas categorias; e tratamento dos resultados e inferência, em que as categorias refinadas são transformadas em conclusões originais e reflexões teóricas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Quadro 1 – Análise dos resultados dos estudos sobre o impacto do abuso sexual na constituição da masculinidade

Artigo consultado	Autor(es)	Impacto do abuso sexual na constituição da masculinidade abordado	Resultados

Childhood sexual abuse and adult developmental outcomes: Findings from a 30-year longitudinal study in New Zealand	Fergusson <i>et al.</i> , (2013)	Risco aumentado para desenvolvimento de comportamento hostil;	Mesmo que os efeitos individuais da violência sofrida na infância variem de pequenos a moderados, é evidente que os efeitos adversos cumulativos sobre os desfechos do desenvolvimento adulto são substanciais;
Role of distress intolerance in the relationship between childhood sexual abuse and problematic alcohol use among Latin American MSM.	Wang <i>et al.</i> , 2017	Maior propensão ao uso descontrolado de álcool;	Os participantes que relataram histórico de abuso sexual na infância indicaram níveis mais elevados de intolerância à angústia, o que, por sua vez, foi associado a maiores chances de se envolverem em uso problemático de álcool;
The Role of Substance Use Coping in the Relation Between Childhood Sexual Abuse and Depression Among Methamphetamine Users in South Africa. Psychological Trauma:	Berg <i>et al.</i> , 2017	Aspecto preditor para o uso de drogas	Neste estudo com usuários de metanfetamina de alto risco, o enfrentamento do uso de substâncias emergiu como um meio comum de gerenciar o estresse, especialmente para aqueles com histórico de abuso de substâncias;
Prevalence of childhood sexual abuse and its impact on mental health in male adults: A systematic survey and meta-analysis of observational studies.	Barth <i>et al.</i> (2013)	Desenvolvimento de transtornos psiquiátricos;	Homens que sofreram abuso sexual na infância apresentaram taxas significativamente maiores de transtornos de ansiedade, depressão, ideação suicida e uso de substâncias na vida adulta;
HIV risk among men who have sex with men who have experienced childhood sexual abuse: systematic review and meta-analysis.	Lloyd, O. (2012)	Tendência a cultivar comportamentos de risco no âmbito sexual que predispõe a infecção sexualmente transmissíveis;	Meta-análise indicou que homens homossexuais com histórico de abuso sexual na infância tinham maior probabilidade de serem HIV positivos [razão de chances (RC) = 1,54; intervalo de confiança (IC) de 95% = 1,22-1,95] e de se envolverem em relações sexuais anais desprotegidas recentes (RC = 1,85; IC de 95% = 1,36-2,51)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O estudo de Fergusson, McLeod e Horwood (2013) objetivou verificar as ligações entre o abuso sexual na infância (ACS) e a inúmeras repercussões na vida adulta de natureza psicológica, socioeconômicas e comportamentais em um intervalo de até 30 anos. Foram analisados dados de mais de 900 membros da coorte de nascimentos da Nova Zelândia. O estudo concluiu que meninos que passaram por episódios traumáticos como a experiência de

abuso sexual são mais suscetíveis ao aumento de taxas de transtorno de ansiedade (0,364, 0,089, <,001); depressão maior (0,426, 0,094, <,001); ideação suicida (0,395, 0,089, <,001); dependência de álcool (0,374, 0,118, <,002); tentativa de suicídio (1,863, 0,403, <,001) e dependência de drogas ilícitas (0,425, 0,113, <,001). Ademais, aos 30 anos, foi associada também a taxas maiores de baixo autoestima (-0,371, 0,181, 0,041); redução da satisfação com a vida (-0,510, 0,189, 0,007); início da atividade sexual precocemente (-0,381, 0,091, <,001) e a tendência a ter um maior número de parceiros sexuais (0,175, 0,035, <,001).

Wang *et al.* (2017) realizou um estudo com um espaço amostral de 19.451 homens que foram selecionados a partir de uma pesquisa postada em um site homens que se relacionam sexualmente com outros homens (HSH). Após colher as respostas, foi realizada uma análise de caso para os participantes que tiveram suas respostas consideradas válidas em relação as variáveis de interesse (experiência de abuso sexual na infância, intolerância ao sofrimento e o uso problemático de álcool). A pesquisa consistiu em um questionário com oito perguntas sobre experiências de relações sexuais indesejadas ou toques inapropriados com uma pessoa com 17 anos ou menos. Um exemplo de questão feita é: "no período entre seu 13º aniversário e antes do seu 17º aniversário, alguém (de qualquer idade) já tocou os órgãos sexuais do seu corpo usando força ou ameaçando te machucar?". O uso problemático de álcool foi avaliado utilizando o Questionário CAGE – uma ferramenta utilizada comumente para identificar sinais de dependência ou abuso de álcool na triagem em estabelecimento de atenção primária – e finalmente, os pesquisadores realizaram uma interseção entre as respostas dos dois questionários e concluíram que os participantes que experienciaram eventos traumáticos de natureza sexual na infância demonstraram uma probabilidade maior de utilizar o álcool de forma problemática se comparados com aqueles sem história de abuso na infância.: aOR = 1,37, IC 95% = [1,27, 1,47], $p < 0,001$.

O escopo do estudo de Berg *et al.* (2017) - que apontam o abuso sexual na infância como uma questão crítica no contexto da saúde global – foi o de pesquisar se há uma maior probabilidade de indivíduos que sofreram violência sexual na infância de ambos os sexos apresentarem maior predisposição a utilizar substâncias ilícitas na idade adulta. O espaço amostral dos pesquisadores consistiu em 161 homens e 108 mulheres em busca de tratamento para o uso de metanfetamina. Eles foram submetidos a uma pesquisa assistida por computador e outra presencial em uma clínica com o propósito de avaliar o histórico de abuso sexual, a gravidade do uso de metanfetamina e outras drogas, os mecanismos de enfrentamentos e os sintomas depressivos dos participantes. Como resultado, quase um terço dos participantes

apresentou o relato de abuso sexual na infância e a pontuação obtida em relação ao uso de metanfetamina entre os participantes ultrapassou o limiar de risco. Em conclusão, os pesquisadores realizaram uma intercessão entre os resultados das pesquisas – online e presencial – e depreenderam que participantes que relataram história de CSA (Childhood sexual abuse) – que significa abuso sexual na infância, em tradução livre, comumente recorreram ao uso de substâncias ilícitas como uma maneira de enfrentar as repercussões clínicas muito provavelmente resultantes da violência sofrida outrora como os sintomas depressivos.

Barth *et al.* (2013) realizaram uma revisão sistemática com o intuito de avaliar a prevalência de CSA (child sexual abuse), abuso sexual da criança, em tradução livre. Assim sendo, foi feita uma meta-análise de efeitos aleatórios e foram analisadas variáveis moderadas por meio de meta-regressão em cinquenta e cinco estudos de 2002 e 2009 que tiveram CSA em indivíduos abaixo de 18 anos de idade. Os pesquisadores concluíram que a probabilidade e a seriedade dos transtornos psiquiátricos estão relacionadas aos fatores atrelados ao trauma – idade em que o abuso começou, severidade e frequência da violência e relação com o abusador – o que sugere um efeito dose-resposta em uma grande parte dos estudos primários presentes na meta-análise e também discutiram a existência de mecanismos plausíveis que interligam a ocorrência de CSA a transtornos mentais, considerando o desenvolvimento emocional, alterações neurobiológicas do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal e também os efeitos sobre os vínculos.

Lloyd (2012) teve como propósito em sua pesquisa investigar se o fato de homens que fazem sexo com homens (HSH) que sofreram abuso sexual na infância possuem maior risco para infecção por HIV (Vírus da imunodeficiência humana) do que os homens que fazem sexo com homens (HSH) que não apresentaram tal histórico. Para atingir seu objetivo, o autor realizou uma revisão sistemática com o intuito de identificar, resumir e meta-analisar 12 estudos que realizaram a comparação homens que fazem sexo com homens (HSH) com histórico de abuso sexual e sem histórico em indicadores de risco de HIV e infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e concluiu que 27,3% dos HSH presentes nos estudos analisados relataram ter sofrido abuso sexual na infância.

Portanto, estratégias de prevenção e intervenção clínica à luz da psicanálise demandam um trabalho que agregue acolhimento, atenção às dinâmicas transferenciais, técnicas de simbolização e sensibilidade às normas de gênero. A prática clínica deve, portanto, ser capaz de articular cuidado individualizado, supervisão rigorosa e integração com redes interdisciplinares, com o objetivo de auxiliar na recuperação psicológica e reintegração social de homens vítimas de abuso (Rodrigues *et al.*, 2023). Valadares *et al.* (2016) observam que a

confluência entre o uso de drogas e as disfunções sexuais representa uma estratégia dupla do manejo pulsional: enquanto a droga diminui o excesso de tensão libidinal, as disfunções sexuais representam uma resistência psíquica a vivências de vínculo ou proximidade. A repetição desses dois fenômenos evidencia a tentativa do indivíduo de revisitar e dominar os traumas vivenciados na infância, com a finalidade de controlar o sentimento de angústia e buscar o prazer originário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa realizada pôde demonstrar que o abuso sexual quando ocorrido na infância é capaz de alterar o curso natural do desenvolvimento saudável masculino, comprometendo aspectos constituintes da sexualidade. Tais repercussões foram abordadas em forma de revisão integrativa na discussão do presente artigo e foram apresentados em diversos estudos que corroboram com a tese de que o abuso sexual é realmente capaz de deixar marcas profundas que podem ser manifestadas em alterações da identidade sexual, disfunções sexuais e transtornos de ordem psíquica.

Portanto, o artigo atingiu o objetivo de expor e discutir diferentes impactos - retirados de artigos científicos e a violência sexual na infância pode ocasionar na constituição da masculinidade. Foi possível achar respaldo científico que correlacionou de forma eficaz o aumento da hostilidade e maior propensão ao menino abusado adotar comportamentos de risco como uso abusivo de álcool, drogas ilícitas e sexo sem proteção. Foi abordada ainda a relação entre o abuso na infância e um risco aumentado de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. A metodologia utilizada foi oportuna por ser capaz de sintetizar diferentes variáveis com o mesmo escopo e expor objetivamente as diferentes nuances que o abuso pode assumir em diferentes áreas da vida do abusado.

A bibliografia consultada foi satisfatória, porém as evidências colhidas foram heterogêneas e podem ter causado assim uma sub-representação de populações marginalizadas, o que pode exigir cautela na interpretação dos dados. O presente estudo representa um material dotado de rigor científico idôneo para apoiar futuras pesquisas que busquem referência confiável para aprofundar aspectos mais específicos do assunto como, por exemplo, a elaboração de políticas de conscientização para prevenção da ocorrência do abuso sexual em meninos por parte da Gestão Pública como a criação de grupos de apoio para homens, atendimento psicoterápico com foco em trauma e a promoção de eventos como rodas de conversa com o propósito de discutir a desconstrução de masculinidade tóxica.

A revisão integrativa aqui apresentada evidencia que a construção sócio-histórica da masculinidade funda-se em normas e práticas que naturalizam a dominância, a resistência à vulnerabilidade e a centralidade da potência heteronormativa, produzindo implicações psíquicas profundas nos sujeitos que a encarnam. Essas dinâmicas configuram não apenas um marco interpretativo para comportamentos e discursos, mas também moldam modos de regulação emocional, ambivalências identitárias e mecanismos de defesa que dificultam o reconhecimento e a expressão do sofrimento. Por fim, a cultura do silêncio e da virilidade coloca barreiras significativas ao acesso dos homens a espaços de escuta e acolhimento psicológico, exigindo intervenções que desconstroem tabus, ampliem redes de cuidado e promovam práticas terapêuticas sensíveis ao gênero. Políticas públicas, formação de profissionais e estratégias de prevenção e educação que articulem perspectiva histórica, análise crítica do poder e promoção da empatia são caminhos essenciais para tornar esses espaços mais acessíveis, efetivos e transformadores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M. Sedução, tradução e cura. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 3, n. 2, p. 97–113, jul. 2000.
- ALVES, A. G. *et al.* Teorias, pesquisas e estudos de caso abuso sexual e trauma: um estudo de caso à luz da psicanálise. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 42, n. 102, p. 1-10, jun. 2022.
- AZEVEDO, G. M. G. de; AMARAL, H. U. do. Teoria da sedução: ascensão e queda ou o surgimento do Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 149-164, jun. 2021.
- BANGEL, M. L. T. Silvia Bleichmar: aportes para a clínica psicanalítica com crianças. **SIG Revista de Psicanálise**, v. 14, n. 1, 2025.
- BARBOSA, C. G.; CAMPOS, E. B. V.; NEME, C. M. B. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. **Psicologia USP**, v. 32, e190014, 2021.
- BARBOSA, P. **Violência sexual infantil no Brasil: uma análise utilizando os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) de 2011 a 2021 e capacitação sobre abuso infantil**. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Odontologia em Saúde Pública, 2024.
- BARTH, J. *et al.* The current prevalence of child sexual abuse worldwide: a systematic review and meta-analysis. **International Journal of Public Health**, v. 58, n. 3, p. 469–483, 2013.
- BERG, M. K. *et al.* The role of substance use coping in the relation between childhood sexual abuse and depression among methamphetamine users in South Africa. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, v. 9, n. 4, p. 493-499, 2017.
- CONCEIÇÃO, M. I. G. *et al.* Abuso sexual infantil masculino: sintomas, notificação e denúncia no restabelecimento da proteção. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 101-121, abr. 2020.
- COSTA, L. N.; MAHL, M. L. O sentimento de infância na perspectiva de Philippe Ariès. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, ed. 3, v. 8, p. 31-36, mar. 2020.
- FELIPE, G. B.; PANES, V. C. B. Revisão integrativa sobre o perfil da vítima de abuso sexual infantil masculina e as consequências desse abuso. **Salusvita**, v. 40, n. 1, p. 139-157, 2021.
- FERGUSON, D. M.; MCLEOD, G. F. H.; HORWOOD, L. J. Childhood sexual abuse and adult developmental outcomes: findings from a 30-year longitudinal study in New Zealand. **Child Abuse & Neglect**, v. 37, n. 9, p. 664-674, 2013.

- FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139–144, maio 2015.
- FREUD, S. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-231.
- GAUTO VASQUES, C. G.; MARTINS, A. M. Abuso sexual de meninos: determinantes sociais e impactos psicossociais. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 25, n. 1, p. SM04, 2025.
- GODOI, M. B.; PEREIRA, O. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo. **Aletheia**, v. 33, n. 1, p. 123-137, 2010.
- GUERREIRO, D. F.; SAMPAIO, D. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 204-213, dez. 2013.
- HERSHKOWITZ, I.; LANES, O.; LAMB, M. E. Exploring the disclosure of child sexual abuse with alleged victims and their parents. **Child Abuse & Neglect**, v. 31, n. 2, p. 111-123, fev. 2007.
- KRINDGES, C. A.; MACEDO, D. M.; HABIGZANG, L. F. Abuso sexual na infância e suas repercussões na satisfação sexual na idade adulta de mulheres vítimas. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 60-71, jun. 2016.
- LACAN, J. **O seminário, livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, J. The subversion of the subject and the dialectic of desire in the Freudian unconscious. In: **Écrits: A Selection**. New York: Norton, 1977. p. 671–702.
- LAPLANCHE, J. Buts du processus psychanalytique. **Revue Française de Psychanalyse**, n. 4, Paris: PUF, 1997.
- LLOYD, S.; OPERARIO, D. HIV risk among men who have sex with men who have experienced childhood sexual abuse: systematic review and meta-analysis. **AIDS Education and Prevention**, v. 24, p. 228-241, 2012.
- MALCHER, C. M. F.; LIMA, M. L. C. Casamento infantil no Brasil: uma colonialidade de gênero. **Revista do Departamento de Ciências Sociais – PUC Minas**, v. 3, n. 1, 2020.
- OLIVEIRA, A. A. B.; FRANCA, C. P. De pai para filho: o paradoxo fundamental da masculinidade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 83-106, abr. 2019.
- OLIVEIRA, L. R.; CÂMARA, L.; CANAVÊZ, F. Meninos não choram: estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. **Desidades**, v. 29, n. 9, p. 151-167, 2021.

PASE, H. L. *et al.* O Conselho Tutelar e as políticas públicas para crianças e adolescentes. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 4, p. 1000–1010, out. 2020.

PECINI, A. C. O problema da subnotificação para a pesquisa e o combate à violência contra crianças e adolescentes no Brasil. **I Simpósio Brasileiro sobre Violência Sexual contra Crianças/Adolescentes no Meio Virtual: Diálogos Interdisciplinares**, 2022.

QUEIROZ, E. F. Dor e gozo: de Freud a Lacan. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 15, n. 4, p. 851–866, dez. 2012.

RODRIGUES, F. R. A. *et al.* Atuação de psicólogos no atendimento psicoterápico de homens vítimas de abuso sexual. **Mental**, v. 15, n. 28, p. 1–21, 2023.

ROSA, C. Violência/abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate. **Pesquisa em Foco (UEMA)**, 2021.

SALES, L. S. Fantasia e teorias da sedução em Freud e em Laplanche. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 323-328, 2002.

SOUSA, M. B. de; BRITO, A. L.; SANTOS, R. P. *et al.* Um muro de silêncio: a subnotificação do abuso sexual infantil intrafamiliar / A wall of silence: the underreporting of intrafamilial child sexual abuse. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 2, p. 7632–7637, 2022.

SOUZA, M. T.; DA SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

VALADARES, V. P. *et al.* Disfunção sexual e o uso de drogas: uma análise diagnóstica. **Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR**, v. 20, n. 2, p. 89-94, maio/ago. 2016.

WANG, K. *et al.* The role of distress intolerance in the relationship between childhood sexual abuse and problematic alcohol use among Latin American MSM. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 175, n. 151, p. 6, 2017.

ZAPPE, J. G.; ALVES, C. F.; DELL'AGLIO, D. D. Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. **Psicologia em Revista (Belo Horizonte)**, v. 24, n. 1, p. 79-100, jan. 2018.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DE PLÁGIO



DISCENTE: Angela Oliveira da Silva

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 06.10.2025

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **4,95%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet [△](#)

Suspeitas confirmadas: **3,36%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados [△](#)

Texto analisado: **94,54%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.9.6
segunda-feira, 06 de outubro de 2025

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente ANGELA OLIVEIRA DA SILVA n. de matrícula **47143**, do curso de Psicologia, foi aprovado na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 4,95%. Devendo a aluna realizar as correções necessárias.

Assinado digitalmente por: ISABELLE DA SILVA SOUZA
Razão: Responsável pelo documento
Localização: UNIFAEMA - Ariqueme/RO
O tempo: 06-10-2025 14:26:22

ISABELLE DA SILVA SOUZA
Bibliotecária CRB 11/1148
Biblioteca Central Júlio Bordignon
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA